

Novas escrituras e mediações em saúde

A Força Mágica do Real

Resenha sobre o vídeo “A Terra e o Tempo - Vozes do Quilombo”

Waldir Bertulio

Sanitarista, Professor da UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, MT, Brasil.
Integrante do GT de Etnias, Gênero e Classe, da ANDES/SN e do Movimento Negro Unificado.
waldir.bertulio@bol.com.br

DOI:10.3395/reciis.v4i5.428pt



Sinopse

A partir de suas memórias pessoais e coletivas, mulheres e homens das comunidades remanescentes do Complexo Quilombo Mata Cavalo, em Mato Grosso, falam sobre as origens do Quilombo, a vida comunitária, o trabalho coletivo, as festas e, principalmente, sobre a história da luta pela retomada, permanência e posse definitiva das terras que pertenceram aos seus ancestrais, mas das quais, ao longo do tempo, milhares de hectares foram “adquiridos” por outras mãos. Um documentário onde a história é contada por aqueles que vivem e experimentam na pele, cotidianamente, a interminável tentativa de silenciamento e de exclusão perpetrados pela cultura dominante.

Ficha Técnica

Direção e roteiro: Sergio Brito
Duração: 52 minutos
Produtora: AMAV – Associação Matogrossense do Audiovisual e VídeoSaúde Distribuidora da Fiocruz
Ano de Produção: 2006

Distribuição

VídeoSaúde Distribuidora da Fiocruz
Internet: www.youtube.com/watch?v=7tws2MM5h8A

A população negra brasileira sobreviveu à diáspora e ao genocídio, resistindo à política de branqueamento que impõe a negação e a invisibilidade do povo negro através dos meios de comunicação. É aqui que está situada a produção do documentário “A Terra e o Tempo”, estruturado em argumento centrado na opressão/identidade/liberdade.

Este vídeo está inserido na luta e solidariedade política contra o racismo e seu aparato jurídico-ideológico. Chama atenção um fazer cinema como animação cultural e instrumento pedagógico, estabelecendo conexão livre na relação do povo remanescente de quilombo com seu passado, sua história, remetendo para o reconhecimento no presente, na revelação da ação como orgulho, na resistência, e do ser negro. A teia da imagem/som como uma ferramenta linguística da utopia, do crescimento e da inteligibilidade humana. Como categoria de mediação, percorre a busca da noção de pertencimento na questão identitária da negritude.

O documentário revela, no processo de trabalho, o amor pelo cinema - documentário como um sanitarista do terceiro mundo, que vai lá onde singram as forças desta tênue e imaginária divisão entre a dor, alegria, a vida, a morte e o desejo, em um realismo fotográfico “parindo” imagens que gravitam no contexto do mundo real. Sai da mesmice, em uma práxis do cinema como ação, com uma simplicidade encantadora, construindo imagens lá, onde o “outro” vive sua saga de vida. Em sua narrativa, a noção presente de imaginário social, tendo o meio cultural como construtor da linguagem, segue caminhando, persistentemente, na tarefa de cultivar a oralidade, uma literatura não-oficial dispersa no tempo de grupos populares de resistência como o povo Remanescente de Quilombo. Na história oficial, o Quilombo dos Palmares era só um refúgio de escravos, nunca um reduto de resistência de negros, índios e brancos marginalizados que tiveram, como Zumbi dos Palmares, nos capitães do mato os seus algozes.

“A Terra e o Tempo” é cinema para pensar. Assim, é capaz de expor forças mágicas, quando o protagonismo cabe aos atores objeto do seu trabalho, onde questões até consideradas primitivas, arcaicas, reprimidas, são lastro do argumento que produzirá sentidos, valor e coerência na história de vida do povo quilombola. Cinema como linguagem escrita de ação, na relação de homens e mulheres com sua realidade de vida. A filmagem é de um plano subjetivamente infinito, com montagem nas contendas da opressão, do escravagismo e do racismo.

Que olhares podem demarcar um pacto entre o espectador e a obra? Aqueles que combatem o racismo “cordial”, a má-fé e a mentira. Só construiremos caminhos de mudança na rota da dignidade do povo negro sem terra, levados pela força das energias de “Olorum” e incorporadas na luta de Zumbi, ainda com seu gesto heróico, de lança em riste, defendendo e fecundando nossas cachoeiras de indignação, nossos territórios ancestrais de vida.

O plano – seqüência em que Sergio Brito conduz a um “pensar em cinema” eminentemente ameaçador para o tipo de progresso e de (in) justiça que nos é perpetrado na sanha abutre de desfiguração da natureza, na versão do cerrado e da Amazônia Legal, em escalada genocida contra a diversidade e a cultura dos povos tradicionais. E na expulsão e violência contra seculares donos destas terras, como as do Quilombo Mata Cavalo e mais 127 outros já identificados em Mato Grosso.

É preciso dizer da militância - e porque não? – do engajamento de Sergio Brito como cineasta que pisa no barro e no cotidiano, onde suas lentes captam imagens absolutamente naturais e vividas. Ele mergulhou no mundo do Quilombo Mata Cavalo, fazendo lá uma espécie de “residência”. Paralelamente, protagonizou em sua curta estada em Mato Grosso, a fundação da AMAV- Associação Matogrossense de Audiovisual e o projeto Cinema Circulante, verdadeira escola sensibilizadora e formadora de cineastas populares. Caminhou por territórios excluídos da mídia, desde o povo expulso por barragens lá no Rio Manso, maioria etnicamente negra e indígena. Como no teatro de Augusto Boal, trilha os caminhos de um documentarista dos oprimidos, no princípio de “dar voz ao outro”.

Todo o esforço de realização audiovisual é no sentido de desenvolver um cinema popular, em linguagens refletidas nos conflitos de vida do povo remanescente, tendo nas mulheres quilombolas a inspiração e a matriz do espírito de luta e resistência de um povo a quem é negada a retomada das terras deles expropriadas. Sérgio conviveu, dormiu, sonhou de olhos abertos com o povo do Mata Cavalo, vendo e aprendendo pelas lentes da retina de gente como seu Antonio Mulato, último mestre de adufo, (instrumento de percussão do Siriri e Cururu) da baixada cuiabana; seu Cesário, arauto de São Benedito, e Nenzinho, respectivamente rei e príncipe dos territórios sagrados dos Orixás. Onde os desejos dispersos em noites sem fim na espera dos tempos da colheita? Colheita de frutos e de amor, que sempre semeou a saga deste povo de memórias. Quando estas terras ancestrais voltarão para seus filhos? .